A AUTOBIOGRAFIA COMO REPRESENTAÇÃO DO SOFRIMENTO FEMININO EM *A REDOMA DE VIDRO* DE SYLVIA PLATH

Sara Maria Moscardi Zanineli (PIC/UEM), Geniane Diamante Ferreira (Orientadora).
E-mail: ra138326@uem.br / gdfferreira@uem.br

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Linguística, Letras e Artes /Teoria Literária.

Palavras-chave: crítica feminista; autoficção; biografia.

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo o aprofundamento do aspecto autobiográfico da obra A redoma de vidro (2023) por meio de uma Teoria Literária Feminista, a qual elucidou aspectos da obra que são, muitas vezes, julgados como negativos. Neste trabalho, procuramos fazer um apanhado histórico sobre a escrita feminina e apresentar como se deu o processo de inserção das mulheres na literatura: a princípio não existiam obras escritas por mulheres, depois, surgiram os pseudônimos e mais adiante as mulheres passaram a fazer parte desse universo juntamente com novos obstáculos. A partir disso, foram lidas obras de teoria sobre a autobiografia, especialmente a obra pioneira dessa teoria, de Philippe Lejeune, *O Pacto Autobiográfico* (2008). Com essas leituras, foi possível relacionar o processo de escrita de Sylvia Plath com uma necessidade de utilizar a ferramenta autobiográfica para representar sua própria sem causar prejuízos a sua vida pessoal, levando em consideração o seu contexto, para isso foi utilizado o texto de Conceição Evaristo, *Escrevivências e seus subtextos* (2020). Portanto, chegamos à conclusão de que este aspecto da escrita de Plath não tornou sua obra limitada ou esquecível, mas nos mostra, atualmente, uma necessidade de expressão por meio da escrita, a qual ela alcançou em sua obra que é revisitada por nós nessa pesquisa.

INTRODUÇÃO

A escrita literária foi, por muito tempo, uma forma de expressão pessoal negada às mulheres, assim como ocorreu em diversos outros espaços em que o feminino era símbolo de fraqueza ou inferioridade, pois:

> Historicamente, o cânone literário, tido como perene e exemplar conjunto de obras-primas representativas de determinada cultural local, sempre foi constituído pelo homem ocidental, branco, de classe média/alta; portanto, regulado por uma ideologia que exclui os

> escritos das mulheres, das etnias não-brancas, das chamadas minorias sexuais, dos segmentos sociais menos favorecidos etc. (Zolin, 2019, p. 331).

Por isso, as mulheres precisaram conquistar seus lugares em todos os campos da escrita. Neste artigo, trabalhamos o conceito de escrita autobiográfica, essencial para a leitura da obra estudada, bem como a definição do termo 'semiautobiografia' e sua importância como forma de representação pessoal para as escritoras. Além disso, é apresentado o conceito de diário para a literatura e sua diferenciação entre os demais gêneros discutidos. Para mostrar como se deu o processo de inserção feminina na escrita e quais frutos esse processo gerou, este trabalho analisa o romance de Sylvia Plath, *A redoma de vidro* (2023). Sylvia Plath foi uma autora americana, nascida em 1932, que ficou conhecida por sua obra de poesias, *Ariel* (1965), de caráter confessional, e *A redoma de vidro*, publicada em 1963, que, por sua vez, é considerada por muitos uma obra biográfica.

Os acontecimentos da narrativa, protagonizados pela personagem Esther, têm profundas semelhanças com aquilo que é conhecido sobre a vida de Plath, pelo conteúdo dos seus diários, sua obra ficcional ou pelos estudos sobre a autora. "Minha vida, sinto, não será vivida até que haja livros e histórias que a revivam perpetuamente no tempo", escreve Plath em seu diário. Considerando essa uma obra semiautobiográfica, que trabalha a ficção e a vida pessoal da autora, usamos para esta pesquisa trabalhos sobre o gênero autobiográfico e suas delimitações com relação à ficção e a crítica feminista para relacionar a necessidade da autora de utilizar esse tipo de escrita em sua obra literária. Portanto, esta é uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, baseada em teoria literária e de gênero.

REVISÃO DE LITERATURA

Esta pesquisa teve como objeto de estudo de *A redoma de vidro* (2023), de Sylvia Plath, portanto esse foi o primeiro a ser lido. Ademais, as principais obras que nos beneficiaram com maior aporte teórico foram: *O Pacto Autobiográfico* (Lejeune, 2008), que serviu de base para o desenvolvimento da tese sobre a delimitação da autobiografia, bem como apresentou termos como o "pacto", que se trata de um contrato, explicado por Lejeune, que atesta que o narrador e o escritor da narrativa são o mesmo sujeito, o que seria comprovado por meio da assinatura desse mesmo autor em sua obra.

No entanto, essa obra não foi o suficiente para elucidar as limitações do gênero autobiográfico e aplicá-las à Teoria Feminista, por isso foi lido, dentre outras obras, *Um teto todo seu* (Woolf, 1929), que auxiliou no apanhado histórico sobre a escrita feminina e as suas mudanças com o tempo. A obra *Teoria Literária* (Bonnici; Zolin, 2019) também foi essencial para entender esse processo. Por fim, no último capítulo utilizamos principalmente o texto de Conceição Evaristo, *Escrevivências e seus subtextos* (2020) para descrever o fenômeno da escrita a partir da vida pessoal e da experiência, bem como para explicar a necessidade da escrita para a representação da própria existência por meio da ficção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do que foi pesquisado sobre o processo da escrita feminina, pudemos perceber que a partir do momento em que as mulheres conseguiram se inserir nesse campo, elas utilizaram a literatura para além da ficção, mas para dar voz às suas existências. Para exemplificar esse processo de escrita – da literatura que dá voz -, Woolf nos diz que: “a ficção deve ater-se aos fatos, e, quanto mais verdadeiros os fatos, melhor a ficção” (Woolf, 1929, p. 19). Portanto, a escritora defende que a escrita ficcional não se afaste completamente da realidade, mas que seja capaz de complementá-la com elementos que guiam o leitor a uma interpretação.

Mais à frente, na mesma obra, Woolf fala sobre a escrita de livros de memórias e autobiografias. A autora descreve o processo de popularização desses gêneros e argumenta que eles eram reservados aos considerados gênios da literatura: “É possível que tenha se iniciado com Rousseau. De qualquer modo, perto do século 19 a consciência de si mesmo se desenvolvera a tal ponto que era um hábito dos homens de letras descrever o que lhes passava pela mente em confissões ou autobiografias” (Woolf, 1929, p. 63). Ao falar sobre esse modo de escrever que permeava o fim do século 18, Woolf explicita que os únicos que tinham “direitos” de escrever sobre o que se passava pela mente eram os homens, que as mulheres não eram autoras recorrentes nestes gêneros, tampouco eram consideradas literatas competentes para o gênero, algo que somente os escritores renomados da época conseguiam alcançar.

Vemos, assim, a importância da obra de Plath, seu único romance, para entender como o gênero diário e a autobiografia são importantes para a literatura feminina, para a representação das mulheres, para uma voz fiel à tal representação.

CONCLUSÕES

A partir das reflexões aqui feitas neste trabalho, foi possível perceber a dificuldade que as mulheres tiveram para adentrarem na literatura de forma digna e humana. Para isso, foram usadas muitas ferramentas, e uma delas foi o uso da autoficção, ou a semiautobiografia, que por sua vez foi utilizada como forma de representar as vivências e as dores femininas, como foi exemplificado pela obra de Sylvia Plath, *A redoma de vidro* (2008).

Portanto, partindo desse pressuposto, podemos afirmar que a definição histórica de autobiografia não é capaz de englobar todos os sujeitos da escrita, pois ela excluiu, por muito tempo, aqueles que não faziam parte do cânone. Assim, a autora aqui estudada, utilizou o recurso da ficção para escrever sobre si, o que é visto como algo negativo por muitos, por sua escrita ser muito autobiográfica. Porém, o uso da narrativa ficcional na obra de Plath possui muitas nuances, como aqui foi apresentado, e uma delas foi possibilitar que uma autora e mulher nos anos 1950 tornasse eterna a sua vida, por meio da sua obra, o que talvez não fosse possível por meio de uma escrita autobiográfica tradicional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Universidade Estadual de Maringá, que tornou essa pesquisa possível por meio do Programa de Iniciação Científica, o qual permitiu que eu me aprofundasse em um tópico da subárea Teoria Literária.

REFERÊNCIAS

BONNICI, T.; ZOLIM, L. **Teoria Literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 4ª ed. ampli. e rev. Maringá: Eduem, 2019.

EVARISTO, C. A escrevivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, C.; NUNES, I. **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 26-46.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**. 1. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

PLATH, S. **A redoma de vidro.** Ed. especial. Tradução de Ana Guadalupe. Ilustrações de Beya Rebaï. São Paulo: Globo Livros, 2023.

SMITH, S.; WATSON, J. **Reading Autobiography**: A Guide for Interpreting Life Narratives. 2. ed. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.

WOOLF, V. **A room of one's own**. London: Hogarth Press, 1929.